

**FONTE DE ÁGUAS FÉRREAS, CHAFARIZES DO
MERCADO, DE SANTA RITA E ARAGÃO**



IX

Assumiu d. Pedro a regência do reino do Brasil, por decreto de 22 de abril de 1821, tendo partido d. João VI e sua família, em uma frota de duas fragatas no dia 26 de abril, rumo a Portugal.

No mesmo dia da partida de seu pai, o regente d. Pedro fez a sua estreia, como déspota, desfeiteando e causando a morte ao benemérito desembargador Paulo Fernandes Vianna.

Construido um grande jardim na quadra do Campo de Santa Ana, entre as ruas do Conde (hoje Visconde do Rio Branco) e do Alecrim (hoje Hospício), por ordem do ministro Thomaz de Villa Nova Portugal, aí fôram cultivadas muitas árvores de lei e ainda se fez o plantio da amoreira, para a criação e propaganda do bicho da seda. Para a sua conservação muito cooperou o intendente, visto estar afeto à Polícia a sua guarda. Mas não entendeu assim o príncipe regente e, em companhia de muitos trabalhadores do Arsenal de Marinha armados de machados, pôs abaixo as arvores e destruiu a cerca do jardim.

Diante dêsse fato e prêso de grave moléstia, sucumbiu aquele que tantos serviços prestara à sua cidade natal, e que era sogro do Duque de Caxias.

E foi assim que apareceu o primeiro fazedor de deserto na terra carioca...

Fonte de Águas Férreas

O príncipe regente, que era de temperamento impulsivo e dado a conquistas, passeava por todos os recantos, em busca de sensações novas.

Assim é que numa certa manhã de primavera, em companhia de seus íntimos, encontrou uma fonte de águas férreas, no Andaraí, denominação dada outróra a atual Tijuca.

Logo no começo da Estrada Velha da Tijuca, no número 63, no Largo da Usina, encontra-se, no muro do edifício, em que funciona o Colégio Padua Soares, uma placa de mármore, com a seguinte inscrição:

“Local onde existia a fonte férrea, descoberta pelo imperador d. Pedro I, em 24 de Dezembro de 1823.

Esta pedra foi aquí colocada a 3 de Maio de 1917.”

Em memória daquele fato, foi levantada uma fonte de pedra e cal, representando uma torre com a inscrição:

“Fonte de Água Férrea. Descoberta pelo imperador Pedro I. Em 24 de Dezembro de 1823.”

Só restam vestígios dessa fonte numa placa em mármore, tendo uma cartela no interior, com a corôa imperial e datado de 1917.

De forma que, no reinado de Pedro I, nada se fez em relação aos chafarizes, e a 13 de abril de 1831, partia para Portugal, com a imperatriz e comitiva, nas fragatas “Velage” e “La Seine” (francesa). E como seu pai aqui deixou o príncipe d. Pedro.

Durante a minoridade de d. Pedro, na Regência provisória e na permanente construíram-se dois chafarizes.

O Chafariz do Mercado

A Câmara Municipal resolveu construir, em 1834, uma praça de mercado, e, para isso, encarregou Grandjean de Montigny, membro da missão artística francesa que aquí chegara, em 1816.

O arquiteto francês projetou, então, o Mercado, ficando a inspeção da obra a cargo do vereador Manoel Teixeira da Costa Silva.



Em 1835, estava concluída a parte do edificio ao lado do Largo do Paço, e, em 1839, principiou a outra parte do mercado, sendo encarregado da obra o engenheiro João Vicente Gomes, que deu, interiormente, arquitetura diversa ao mercado, não colocando portas para o largo central mas, depois da reforma de 1870 a 1871, abriram-se portões de ambos os lados.

Em 1841, estava concluído o primeiro Mercado da cidade do Rio de Janeiro.

Foi localizado na Praça d. Pedro II, antigo largo do Paço, entre as ruas do Mercado, praça das Marinhas e rua do Ouvidor, na antiga praia do Peixe, em virtude de se acharem ali as bancas, onde se vendia o pescado, em barracas de madeira, cobertas com telhas, em verdadeira desordem.

No ano de 1869, foi arrendado ao tenente-coronel Antonio José da Silva, que de 1870 a 1871, levantou um segundo pavimento sobre todo o edificio.

O edificio era quadrangular e de dois pavimentos. A face da praça apresentava um portão coroado por um frontão reto; lia-se no friso: "A Câmara Municipal o mandou fazer em 1835." Sobre o entablamento um oval, com a inscrição: "Praça do Mercado."

Lateralmente, havia oito portas de arquivolta, no primeiro pavimento, e no segundo, oito janelas amplas, de verga reta, tendo, entre os vãos, grades de ferro. Igualmente era a face da rua do Ouvidor, mas com a inscrição: "Câmara Municipal de 1839"; no frontão, a data 1870 e na outra face, 1871.

As faces da rua do Mercado e da Praça das Marinhas eram de igual arquitetura, com 11 portões e 11 janelas.

A parte interna do Mercado era lageada de cantaria, composta de ruas paralelas às faces e às que se cruzavam vindas dos portões.

No centro, no encruzamento das ruas, erguia-se um lindo "chafariz de granito", cujos blocos de pedra eram ligados por gatos de bronze, com argamassa de azeite de baleia. Formado por uma bacia circular, da qual saia um corpo, cuja projeção horizontal era um círculo polilóbulo e na vertical, quatro corpos em forma de pequenas colunas correspondentes às faces e quatro reentrantes, no espaço compreendido entre as primeiras, com a respectiva cornija. Sobre este corpo um dado, cuja cornija dividia o corpo em dois, tendo quatro esferas na parte superior, colocadas nos ângulos e sobre as quais se levantava uma pirâmide qua-

drangular, tendo, no ápice, um ouriço de bronze, cujos espinhos eram parafusados no corpo do mesmo; e, colocados nas faces do dado, que servia de base da pirâmide, quatro golfinhos de bronze, que jorravam água na bacia.

A cantaria do chafariz foi preparada na Casa da Correção e os golfinhos e ouriço foram feitos pelo artista João José de Araujo.

A demolição do mercado da Candelária, na praia do Peixe, deu-se a 30 de agosto de 1911. Foi empreitada feita por Thomaz Newlande Junior, com o Ministério da Viação, sem onus para a Fazenda Nacional, ficando aquele de posse de todo o material, inclusive o "chafariz". Como garantia depositara o empreiteiro 500\$, mas, tendo vendido todo o material da demolição, deixou, no entanto, o entulho, não levantando por isso a caução.

Era ministro da Viação o dr J. J. Seabra e, fiscal do Ministério, nos últimos dias da demolição, o engenheiro Antonio Baptista Ramos Bittencourt.

O chafariz desapareceu sob o marron e marreta dos renovadores da cidade.

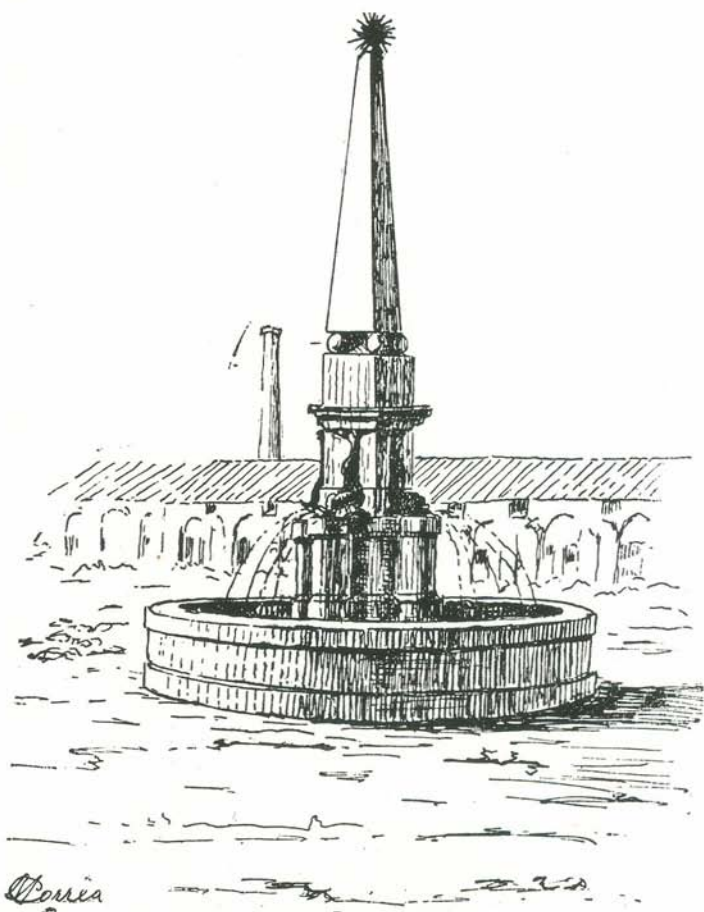
Foi demolido o velho Mercado da Praia do Peixe ou Candelaria, para construir o novo "gaiola de ferro" e sacrificaram o lindo e sóbrio chafariz de estilo romano, não lhe poupando a monolítica cantaria.

Isso se deu na administração do prefeito coronel Innocencio Serzedello Corrêa.

O professor Teixeira da Rocha, sabedor da destruição, correu ao local, mas já era tarde; os vândalos não tinham em sua frente senão pedras britadas. E' essa a história do pobre chafariz.

O ouriço de bronze conseguiu salvar-se, porque o professor Teixeira da Rocha levou-o para a sua residência, onde se acha até hoje; senão seria vendido como ferro velho. Os golfinhos foram colocados no chafariz da Praça 15 de Novembro (ferro fundido, indústria francesa) nos quatro dados da escadaria, mas ultimamente, foram retirados e guardados na Diretoria de Obras ou no depósito das Matas e Jardins, e, no local, fôram colocados quatro grupos infantis, de mármore, adquiridos ao sr. Guinle, pela Prefeitura.

Havia a versão de serem os golfinhos os do Cães da Imperatriz, os quais eram dois, quando o chafariz contava com quatro...



O chafariz do Mercado (Praia do Peixe)

O Chafariz de Santa Rita

Com a canalização dos rios Comprido e Maracanã, foi mais facil a colocação dos chafarizes nos logares mais afastados da Carioca.

No Largo de Santa Rita, no fim da rua dos Ourives, elevou-se a igreja paroquial de Santa Rita, e, no centro do largo do mesmo nome, foi contruido um chafariz, no lugar em que existia um cruzeiro de mármore, visto ter sido aí o cemitério dos escravos.

Contam os historiaadores que uma noite fazendo sentinela um soldado, para evitar que fossem aí depositar cadáveres, o que era proibido, appareceram três vultos embuçados, de braço dado, que se aproximaram da porta da igreja e se ajoelharam. Decorrido algum tempo, dois retiraram-se, ficando o último de joelhos. O soldado, percebendo a demora do mesmo em se erguer, aproximou-se dêle e ordenou que se levantasse; não teve, porém, resposta; fez-lhe nova observação, batendo-lhe no hombro; com êsse movimento, o devoto caiu ao chão. E qual não foi a sua surpresa quando, examinando-o, viu que era um cadaver, que os dois embuçados tinham deixado encostado no cunhal da igreja!

Mas nesse tempo era comum êsse proceder e até em 1877, ainda mais horrível, pois deixavam, à voracidade dos cães das ruas, cadáveres de recém-nascidos!

Em 1839, levantou-se o chafariz de Santa Rita e, para isso, assentaram quatro lages brutas, 16 peças de bordadura e 48 das diferentes fiadas, cortando-se de novo tôdas as juntas para se adaptarem as pedras umas às outras e pela parte interna, em forma circular, para a formação do zabumba, e a passagem do tubo de espera; fizeram-se de novo o tampo do registo, a caixa do tubo de espera, o cano do sumidouro, e 572 pés cúbicos de maçame de pedra e cal; fabricou-se e assentou-se o tubo de espera de chumbo, e o grande registo de bronze, além de outros objetos de menor importância.

Para trazer as águas do aqueduto da Carioca ao Chafariz de Santa Rita, encomendou o govêrno para a Inglaterra um encanamento de chumbo da extensao de 3.290 pés ingleses, pondo à disposição do nosso Encarregado de Negócios, em Londres, a quantia de 8:000\$, para aquella despesa. Logo que chegaram os tubos encomendados e assentes, ficou a obra pronta. (Relat. Assis Coelho — 1840.)

Era êsse chafariz com a forma de um polígono octogonal regular, composto de quatro corpos sobrepostos. A base octogonal era composta de quatro degraus que tinham nos ângulos externos frades de pedra. Sobre o patamar, levantava-se o tanque octogonal, saindo do seu interior outro corpo octogonal, com oito bicas nas respectivas faces, tendo duas vezes e meia a altura do tanque e terminando por uma cornija sobre êsse corpo, o último, menor em altura e largura, coberto por uma cúpola esférica. Nos ângulos, erguiam-se oito frades de pedra dos quais quatro suportavam um mastro de ferro, à guisa de forca, de que pendiam lampeões de azeite; estes apareceram nos chafarizes na administração de Paulo Fernandes Vianna.

Os frades de pedra ou postes de pedra são assim denominados pelo povo, por lembrar a sua parte superior a cabeça raspada de um monge. Eram colocados nas entradas das chacaras dos grandes solares que começaram a aparecer com a minoridade de d. Pedro.

Os frades de pedra ainda indicam proibição de rodagem.

Na antiguidade, o frade de pedra era venerado como representante do Deus Phallus e empregado como protetor dos monumentos e edifícios, substituindo as calçadas, entre os gregos e romanos.

Em Portugal e no Brasil, empregaram-se nos cantos das ruas, em ornamentos, junto aos monumentos e fechavam, decorativamente, logradouros públicos.

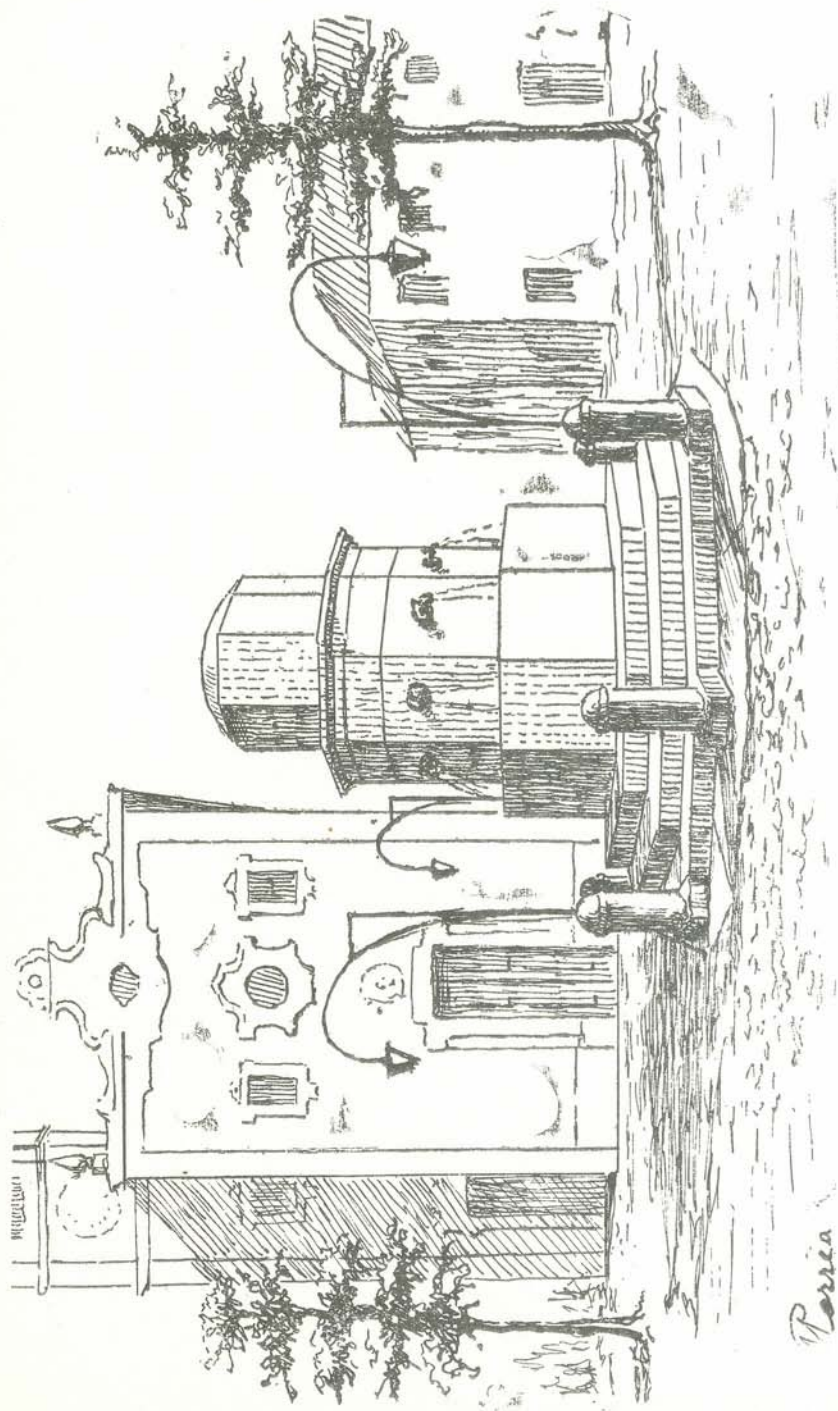
Existiram no largo do Rocio sem correntes, no Pelourinho, com correntes, como cercando a praça, e dêsse mesmo modo, no Rocio Pequeno (Praça 11 de Junho), Largo de São Domingos, e, atualmente, existem na Praça do Arsenal, em Realengo.

O Chafariz do Aragão

Com a canalização dos rios, desde a Tijuca até Catumbi, desenvolveu-se o abastecimento de água nos arrabaldes.

Apareceu o chafariz do Aragão, localizado na rua Conde de Bomfim, esquina da rua dos Araújos, o qual não existe mais, aparecendo seu nome somente no "Armazem do Aragão", no lado oposto.

Era êle composto de um corpo quadrangular, terminado por curvas na parte superior, tendo na posterior um outro corpo (caixa de água), em forma de paralelepípedo e na parte anterior, duas longas bicas, que jorravam sobre um longo



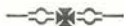
O chafariz do Largo de Santa Rita

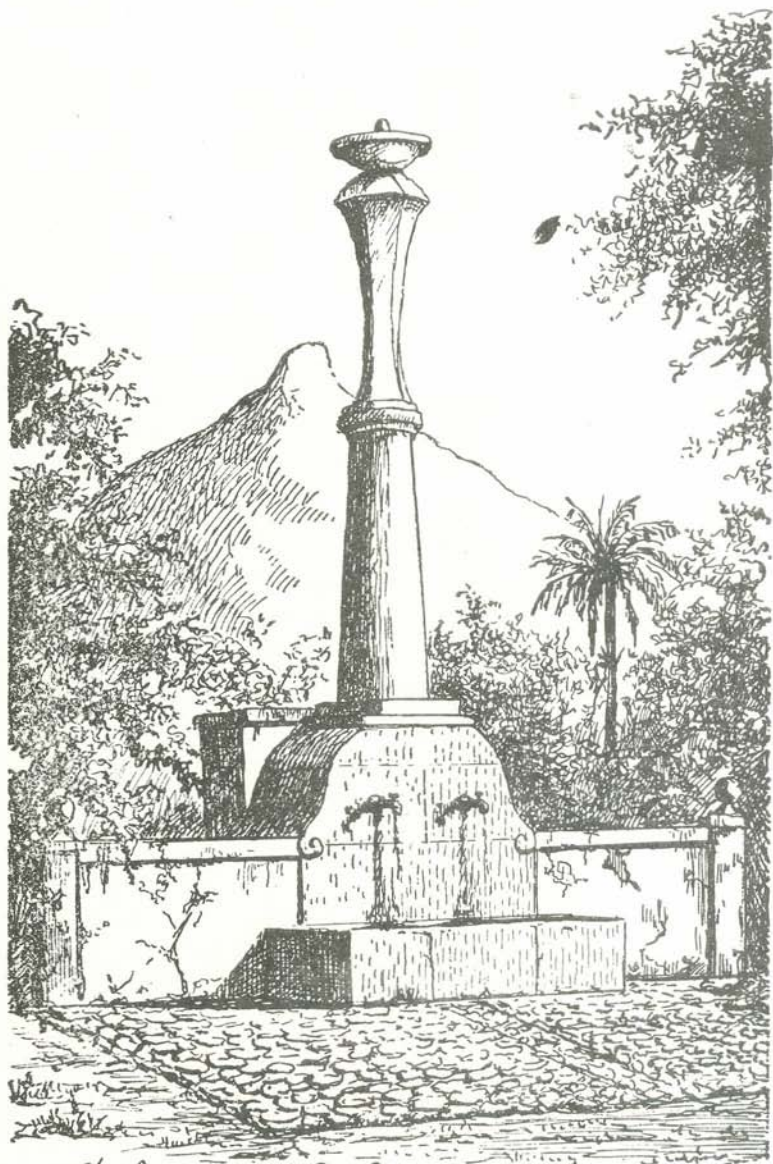
Ponta Rica

tanque de pedra; lateralmente, partia um pequeno muro terminando por pilastras, ornado com uma esfera. Sobre o quadrilátero central, dois corpos, como base, e sobre o superior pousava uma coluna em forma de cone truncado por uma cornija e sobre esta, outra coluna, de forma exótica, coroada por uma verdadeira bacia de rosto, em homenagem ao banho...

Chafariz do Largo do Machado

Havia um chafariz de madeira no Largo do Machado, que o Ministro Assis Coelho, pediu a substituição por outro, permanente, cujas obras e encanamentos, estavam orçados em 12:300000.





Pôrta,

Chafariz do Aragão